

DANÇA

11, 12 SETEMBRO 2015

# La Chance

A partir de uma proposta dirigida  
por Loïc Touzé

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Interpretação** Loup Abramovici, Ondine Cloez, Audrey Gaisan-Doncel, Rémy Héritier, Marlene Monteiro Freitas, Carole Perdereau **Cenografia** Jocelyn Cottencin **Luzes** Yannick Fouassier **Som** Éric Yvelin **Olhar exterior** Anne Lenglet **Coprodução** ORO – Loïc Touzé, Théâtre national de Bretagne (Rennes), Théâtre Anne de Bretagne (Vannes), Centre de Développement Chorégraphique (Toulouse), Centre National de Danse Contemporaine (Angers) **Desenvolvimento e coordenação de projetos** Raïssa Kim (raïssa.kim@loictouze.com) **Estreia** 10 de novembro de 2009 no Festival Mettre en Scène, Théâtre de l’Aire Libre, Saint-Jacques de la Lande, França

ORO é subsidiado pelo Governo Francês – Prefeito da Região Pays de la Loire – direção regional dos assuntos culturais, Região Pays de la Loire, Cidade de Nantes, e é apoiado pelo Instituto Francês para os projetos internacionais e pelo Departamento Loire-Atlantique.

**Na sexta-feira 11, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.**

**Sex 11, sáb 12 de setembro**  
**21h30 · Palco do Grande Auditório (lotação reduzida) · Duração: 1h · M12**

Que operações executa um intérprete para dançar, verdadeiramente dançar? Mergulha no seu imaginário, tenta abandonar conhecimentos, educação, saber-fazer; aventura-se numa narrativa rítmica, corporal, numa narrativa de sensações. O que encontra nesse processo? A sua memória? O seu futuro? Os que o observam? Para abordar estes estados de dança, praticámos a hipnose e a telepatia; criámos um dispositivo de exposição e de aparição com características simples, inventámos um país profundo. As danças que se oferecem umas a seguir às outras são na realidade uma mesma dança incessantemente reinventada. É assim, numa espécie de ritual coletivo que precisa da atenção e acompanhamento de cada um, que a dança pode incarnar-se e revelar o que está antes e depois das nossas expectativas.

Loïc Touzé

Loïc Touzé apresentava nestes termos não tanto o seu projeto e as suas intenções quanto um método, não tanto uma definição “da dança” quanto o que para ele é permanente na atividade de dançar e nas possibilidades da sua exposição. O trabalho do imaginário, inerente à narração das sensações, que não é possível sem a qualidade do olhar de um outro. Assim sublinha o essencial do que espera de um trabalho de dança, ligado a duas exigências: a busca de uma qualidade de movimento e uma ética do olhar implícita na sua exposição. Entre estas duas exigências, uma dança é possível.

Mas não há aqui nenhum fechamento ou isolamento do mundo no reino protegido da arte, nenhum encerramento narcísico sobre si próprio. O nosso mundo, o nosso quotidiano, está bem presente, convocado por um coro de seis pessoas que diante de nós enumeram palavras (a alegria, o divórcio, a falésia, a mentira, a cascata, a vergonha, a noz, o leite, a corrupção, a luz, o malmequer, o drama, a paisagem, o javali, a música, a faca, a nuvem, a tragédia, a memória, a pálpebra, a salada, a política, a joaninha, a banca, etc.). Seis pessoas de pé, seis vozes singulares para desfiar estes fios de um mundo desenhado com substantivos. Palavras substância postas em face umas das outras, sem ironia.

Um coro, não um grupo uniforme ou fundido nem sequer uma série de indivíduos, antes a imagem de um pequeno povo de intérpretes unidos e separados que nos apresenta tanto coisas comuns como coisas singulares: coisas comuns sem nada em comum. Em linha, é certo,

mas em lugares diferentes, numa mesma postura mas com atitudes variadas, uma verticalidade com pessoas diferentes de pé. E também uma mesma direção com olhares divergentes, uma lista de palavras mas sujeita a várias inflexões de voz, um afeto mas várias afetações, um estilo mas várias roupas, um espaço mas ocupações diversas, portanto um ponto de vista e várias interpretações. Comum e distinto. Um projeto coreográfico em que cada um toma parte, toma a sua parte, na sua oportunidade ou oportunidades. Uma dança, sim, mas várias danças sucessivas em presença de um grupo que vela. Uma exposição mas vários modos de dirigir-se, um proscénio mas três profundidades em reserva: um abismo negro, uma perspectiva, um quadro ao longe; um face a face mas de olhos fechados, uma face mas vários rostos.

As danças que vão aparecendo, por muito perto de nós que estejam, por muito singulares que sejam, muito despidas, não deixam de vir de longe, como que saídas de um fundo comum, de uma história das artes do espetáculo (ópera, circo, teatro musical, pantomima, carnaval, cabaret, dança, teatro) carregada de fragmentos de recordações, de citações misturadas, de resíduos de movimentos. Desta forma a maquilhagem branca que cobre parcialmente os rostos (resto de uma maquilhagem exagerada ou começo de uma máscara) evoca por si só esses universos da representação. E ao sabor das aparições, mímicas retóricas, códigos de burlesco, recordações do teatro musical, restos da graciosidade de um *port de bras* e vestígios de

*envolés*, ou reminiscências da vertigem de uma dança-contacto... ou mesmo de lutas e teatros infantis, em resumo, um campo de pistas coreográficas mais ou menos delineadas, de que nunca se sabe se se trata de movimentos desgastados pelo uso ou do esboço, da promessa, de novos arrebatamentos. Se a atividade de dançar oscila entre estas duas dinâmicas marcadas por condutas incessantes de desequilíbrio e rutura, de uma arritmia desconfortável, são a arte da música e do canto que asseguram o apoio a uma continuidade ao mesmo tempo histórica (a harmonia e o esplendor de Mozart, a força trágica da ópera italiana cantada por Callas, o *swing* do jazz de Ray Charles e de Betty Carter, a melancolia do *rock-folk* do grupo Bauhaus) e dramática.

Uma dança exposta portanto, que se dá a ver até ao fantasma de ópera final, enquanto é chamada a desaparecer. Entre o risco da sobre-exposição da dança ou da sua subexposição, optou-se pela exposição adequada à partilha, em benefício de uma ética possível do olhar. Isabelle Launay (Autora, investigadora e diretora do departamento de Dança da Université Paris 8)

© Mahaut Clément



### Loïc Touzé coreógrafo

Nascido em 1964, Loïc Touzé ingressou aos dez anos na escola do Ballet da Ópera de Paris. A partir de 1982 dançou no corpo de baile e participou em numerosas criações do Groupe de Recherche Chorégraphique de l'Opéra de Paris – GR COP, dirigido por Jacques Garnier, que deixou para se dedicar à Nova Dança e integrar projetos de Carolyn Carlson, Mathilde Monnier, Jean-François Duroure, Catherine Diverres e Bernardo Montet (1986-1991). A fundação da sua própria companhia com Fabienne Compét (1992) deu início a um período de experimentação, aguçado pela descoberta, no palco e em estúdios, dos contributos de Dominique Bagouet e Julyen Hamilton. A versão a solo de *Dans les allées, les allées...* (1995) equacionava e questionava os fundamentos de uma escrita coreográfica. Seguiram-se uma série de projetos que abordavam o espaço relacional da representação, seja num baldio de Bilbao com o artista plástico Francisco Ruiz Infante ou no Centre d'art contemporain de la Ferme du

Buisson, onde *Un bloc* (1997) desconstruía os princípios da interatividade então em voga. Nesta linha, *S'il y a lieu* construía um espaço cénico desmultiplicado onde a evidência da dança era destruída pela sua interpretação (1999). Para refletir sobre a preparação dos intérpretes para a sua dança, Loïc Touzé embrenhou-se durante um ano na experiência de Mohini Attam. Como em relação a muitas outras formas, estabeleceu um diálogo sensível com a improvisação, com os músicos Pascal Contet, Cookie Lesguillier e Gilles Coronado, diálogo que prosseguiria mais tarde, em 2004, em *Elucidation*, um solo com o saxofonista Claude Delangle, e numa série de duetos com Cookie Lesguillier.

Instalado em Rennes em 1999, Loïc Touzé interveio também nas condições sociais e coletivas da criação, produção e difusão no campo coreográfico. *Déplacer* (2000, coorganizado pelo Centre d'art contemporain La Criée) acolheu e apresentou projetos performativos de Catherine Contour, Myriam Gouffink, Xavier Le Roy, Alain Michard, Jennifer Lacey, Jocelyn Cottencin... *Morceau*, criado com Latifa Laâbissi, com quem então codirigia a organização 391, Yves-Noël Genod e Jennifer Lacey, procurava recuperar elementos que uma organização convencional do espetáculo leva normalmente a negligenciar. Peça-processo concebida como um conjunto de *micro-performances*, *Morceau* deu início a um questionamento das formas de compromisso com o palco, informado pelas aquisições da *performance art* e contrariando as expectativas de espetacularidade.

Com *Love*, em 2003, e *9*, em 2007, Loïc Touzé aprofundou a sua relação com o artista visual Jocelyn Cottencin.

Na sequência da criação de *9*, criou, com a intérprete Ondine Cloez e com Cookie Lesguiller, *Un saut désordonné avec les épaules à la même hauteur que les hanches*, que virá a tornar-se o primeiro de uma série de três duos com este músico. *La Chance*, criado em 2009, prosseguiu a pesquisa sobre a relação entre o ato de dançar tal como o assume um intérprete no imediatismo do palco e a coreografia tomada como projeção de uma escrita numa forma.

Neste mesmo período, ocupou-se de projetos coletivos. Assumiu a codireção dos Laboratoires d'Aubervilliers com Yvane Chapuis e François Piron (2001-2006) ao mesmo tempo que iniciava em Rennes o projeto *Aéroport international*, um coletivo de artistas que contribuiu para a criação do espaço de trabalho inovador *Garage*, e integrou a equipa pedagógica da Escola superior do CNDC d'Angers que, sob a direção de Emmanuelle Huynh, concebeu uma escola experimental e a sua pedagogia.

Atualmente, Loïc Touzé desenvolve a sua atividade no âmbito da estrutura ORO, criada em 1991 e instalada em Nantes desde 2010, onde tem apresentado o seu trabalho no Théâtre Universitaire, no Grand T, no Lieu Unique e na FRAC Pays de la Loire. Investe desde o início no projeto coletivo *Autour de la table*, que concebeu com Anne Kerzerho e que reflete sobre os saberes e práticas do corpo abarcando diferentes contextos culturais e a sua partilha no espaço público. Este

projeto tem sido realizado em várias cidades (Nantes, Berlim, Istambul, Lovaina). Paralelamente, prossegue o seu trabalho pessoal de criação. Em 2011 criou dois duetos com o baterista Cookie Lesguillier, *Fou* com Julien Gallée-Ferré e *Marlene* com Marlene Monteiro Freitas, co-criou *Nos Images* com Mathilde Monnier e Tanguy Viel, *Gomme* com o bailarino *hip-hop* Yasmin Rahmani, e *Braille*, uma *performance* com o músico e videasta Gaëtan Chataigner acompanhado pelo cantor Philippe Katerine.

Sendo um dos Signatários de 20 de agosto,\* Loïc Touzé investiu particularmente na reflexão crítica sobre o ensino da dança. Coautor das *10 propostas para uma escola*, a formação e a difusão da cultura coreográfica ocupam um lugar de relevo no seu trabalho. Ensina regularmente em França e no mundo (Rússia, Áustria, Argentina, Brasil, Portugal, etc.). Em Portugal tem contribuído para a formação de sucessivas levas de intérpretes e coreógrafos, nomeadamente através das suas colaborações com PEPCC – Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica, do Forum Dança.

\* Os Signatários de 20 de agosto são uma associação criada em 20 de agosto de 1997 por coreógrafos, bailarinos e investigadores de dança que, no contexto da época, deram voz à necessidade de questionar os processos de atribuição de financiamentos e de reconhecimento artístico, defendendo, entre outras coisas, a necessidade de deixar de separar os processos de experimentação e de pesquisa do «produto final», do resultado.



### Loup Abramovici intérprete

---

Loup Abramovici nasceu em França em 1979 e cresceu em Portugal. Formou-se em dança no CNDC d'Angers e no Centre Chorégraphique National de Montpellier onde, entre outros, estudou com Gilbert Canova, Loïc Touzé, Mathilde Monnier, Simone Forti e Benoît Lachambre. Colaborou em projetos de Meg Stuart, Vera Mantero, Loïc Touzé, Mustafa Kaplan & Filiz Sizanli, Antonija Livingstone, Yves-Noël Genod. Nos últimos anos tem trabalhado com Rémy Héritier, Maja Delak, Bojan Jablanovec, Tomaz Grom, Leja Jurisic e Teja Reba e tem desenvolvido as suas próprias criações na Eslovénia.

### Ondine Cloez intérprete

---

Ondine Cloez formou-se em dança clássica no conservatório de Grenoble, instalando-se de seguida em Bruxelas, onde estudou na PARTS durante três anos. Participou na formação ex.e.r.ce no Centre Chorégraphique National de Montpellier em 2002. Desde então



trabalhou como assistente de Ayelen Parolin e Nada Gambier e como intérprete de Laurent Pichaud, Mathilde Monnier, Linda Samaraweerova, Julien Chevry & Julie Darrivière, Randy Carreno, Laure Bonicel, Rémy Héritier, Marcos Simões, Loïc Touzé, Sara Manente, Halory Goerger & Antoine Defoort. Co-autora com Sara Manente e Michiel Reynaerts do vídeo *Some Performances* e do projeto *Grand Tourists*.



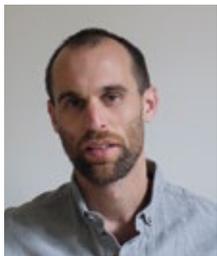
### Audrey Gaisan-Doncel intérprete

---

Nascida em 1982, Audrey Gaisan-Doncel inicia a carreira de intérprete no início dos anos 2000, após a formação em dança contemporânea ex.e.r.ce no

Centre Chorégraphique National de Montpellier. Trabalhou nomeadamente com Boris Charmatz, Rémy Hérítier, Jennifer Lacey / Nadia Lauro, Alain Michard e Mark Tompkins. Desde 2009 participou em *Jeune Fille Orrible*, «*príncipe d'infamie lyrique*» um trio com Frédéric Danos e Olivier Nourrisson, cocriou com Jennifer Lacey e Barbara Manzetti a peça *I Heart Lygia Clark*, que explora, entre outros, o potencial da terapia como prática artística ao mesmo tempo mística e absurda. Em 2011, dançou e criou os figurinos da peça *Une étendue* de Rémy Hérítier. Em 2012, o seu projeto *How many dogs* foi premiado no programa Hors les Murs do Institut Français.

© Marcelline Delbecq



**Rémy Hérítier**  
intérprete

Nascido em 1977, Rémy Hérítier foi intérprete, desde 1999, dos coreógrafos Laurent Chétouane, DD Dorvillier, Philipp Gehmacher, Jennifer Lacey, Mathilde Monnier, Laurent Pichaud, Loïc Touzé, etc. Em 2003 fundou a sua própria companhia, GBOD!, com que criou até hoje mais de uma dezena de

peças. Através da sua escrita coreográfica, ressuscita camadas temporais e espaciais, escavando a espessura do passado para alcançar o presente. Esta escavação arqueológica de um dado contexto, da sua história pessoal e da dos seus colaboradores com a dança, permite-lhe apropriar-se de noções ligadas a outras disciplinas, como a intertextualidade, a *land art* e a *Tiers paysage*,<sup>7</sup> e convocar assim novas poéticas do gesto. Colabora, desde 2013, com a artista e escritora Marcelline Delbecq sobre a relação do movimento com a imagem, de que resultará em 2015 uma nova criação intitulada *Here, then*.

\* Terceira paisagem, conceito criado pelo paisagista francês Gilles Clément para designar o conjunto de espaços que, por serem negligenciados ou inexplorados pelo homem, apresentam uma maior riqueza natural em termos de biodiversidade.



© Andreas Merik

**Marlene Monteiro Freitas**  
intérprete

Marlene Monteiro Freitas nasceu em Cabo Verde, onde fundou o grupo de dança Compass e colaborou com

o músico Vasco Martins. No seguimento dos estudos na Escola Superior de Dança e na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, e na P.A.R.T.S., em Bruxelas, desenvolveu um projeto de dança no bairro da Cova da Moura, Lisboa, com o tema *em vez de ter aulas de dança, vamos ensaiar*. Trabalhou com Emmanuelle Huynh, Loïc Touzé, Tânia Carvalho e Boris Charmatz, entre outros. Criou *de marfim e carne – as estátuas também sofrem* (2014), *Paraíso – coleção privada* (2012), *(M)imosa* (2011), em colaboração com Trajal Harell, François Chaignaud e Cecília Bengoela, *Guintche* (2010), *A Seriedade do Animal* (2009-10), *Uns e Outros* (2008), *A Improbabilidade da Certeza* (2006), *Larvar* (2006), *Primeira Impressão* (2005), obras que têm como característica comum a abertura, a impureza e a intensidade. É cofundadora da estrutura artística P.O.R.K.



**Carole Perdereau**  
intérprete

Na sequência dos estudos na School For New Dance Development em Amsterdão, Carole Perdereau colabo-

rou nos projetos de Pierre Droulers (*Multum in Parvo*), Donald Fleming (*Come Post*), Frédéric Lejunter, Laurent Pichaud (*Mon Nom*), Fabienne Compét (*A Rebours*), Sylvain Prunenec (*About you*) e Loïc Touzé (*Love, 9, La Chance*). Paralelamente desenvolve atividade coreográfica criando *L'Assaut* (2014), *Travers* (2011), *Micro Music* (2007), *Between 5 to 5 and 5* (2002) e *Ex* (1999). Em 2011 é convidada por Mickaël Phelippeau para participar no evento *À Domicile*, em Guissény, na Bretanha, e cria *Objets/Monstres* com os habitantes. É também convidada para participar em *performances* de outros artistas, nomeadamente em *Monumental* (2014) de Jocelyn Cottencin, no Musée de la Danse, em Rennes, no Musée du Quai Branly no âmbito das noites *Before* (2013), com o Club des 5 numa exposição coreografada de Mathieu Coppeland na Ferme du Buisson (2008) e na Ménagerie de Verre com Jérôme Mauche em *Vendredi 13 c'est Dimanche 15* (2008). Desde 1992 ensina profissionais e amadores em diversas estruturas. Dirige desde 2006 a associação Lisa Layn com Annabel Vergne.

**Jocelyn Cottencin**  
cenografia

Após formação em arte e em arquitetura, Jocelyn Cottencin interessa-se por diversos domínios das artes ditas aplicadas – nomeadamente o design, a arquitetura e as artes gráficas. Considerando a tipografia como um material gráfico e plástico, experimenta-a de diversas formas: a *performance*, a intervenção no

espaço público, a instalação, o desenho, o livro e o espaço cénico, como é o caso em *Vocabulário*, 2007, de Tiago Guedes e *I Can't Believe The News Today*, realizado em Pau em 2009. Colabora há cerca de dez anos com Loïc Touzé, para quem concebeu o dispositivo cénico de várias peças, como *Love* (2003), *9* (2007), *La Chance* (2009) e recentemente *Gomme* (2011). Desde 2009 trabalha com a coreógrafa Emmanuelle Huynh (*Cribles, Tozai! Collection*). Em 2010 participa no projeto *J'ai tout donné* de Alain Michard e organiza o centro de documentação do Centre Culturel Colombier. Como artista visual desenvolve: a convite de La Criée – Centre d'art contemporain, o projeto *Just a walk* (estreado em 2008) entre Bilbao, San Sebastian, Glasgow, Porto, Lisboa e Rennes; em 2009 *L'objet du désir*, Pôle sportif de Quimper; em 2010 *Journal d'Anticipation* segunda edição dos Ateliers de Rennes – Biennale d'art contemporain; em 2012 *Cela dépend de la façon dont les cartes tombent* (FRAC Bretagne, La Criée), *Echoes* nos Estuaires à Nantes / *Voyage à Nantes* e na Nuit Blanche em Paris; em 2014 *Recto/verso* – exposição coletiva no Musée des Arts décoratifs, Paris, *MONUMENTAL*, *performance* com doze intérpretes (Musée de la danse, Rennes). Fundador em 2001 de LieuxcommunsTM, uma plataforma de trabalho sobre o grafismo e a arte impressa, colabora com várias escolas francesas e estrangeiras e ensina desde 2005 na l'École Supérieure d'Art de Lorient.

## Yannick Fouassier desenho de luzes

Yannick Fouassier foi diretor de cena do Théâtre de la Cité Internationale, Paris, durante três temporadas (1990-1993). Tem colaborado em espetáculos dos coreógrafos Loïc Touzé, Jennifer Lacey, Emmanuelle Huynh, Martine Pisani, Claudia Triozzi, Rémy Hérítier, Annabelle Pulcini, Laure Bonicel, Deborah Hay, Hélène Iratchet, Yves-Noël Genod, Marlene Monteiro Freitas, Cécilia Bengolea, François Chaignaud, Trajal Harrell, Latifa Laâbissi, Sylvain Prunec e dos encenadores Fanny de Chailié, Marie Vayssière, Eric Didry, François Wastiaux, Pierre Mailliet. Colaborações com as artes plásticas: desenho e instalação de luzes da exposição *Totem & Tatoo* do artista Olivier Vadrot, no Centre Georges Pompidou, Paris, em março de 2014; instalação de luz para Célia Houdard e Sébastien Roux, *Oiseaux Tonnerre*, em 2013, Gardanne / Marseille; luzes para a exposição de Marcelline Delbecq, Fondation d'entreprise – Espace Ricard, Paris, 2015; *Musée Eclaté*, Caen, 2013; instalação de luz para a exposição de Célia Houdart e Sébastien Roux *La veille*, dezembro de 2013, Reims; luzes para a Exposição *Chanel em Shanghai* em janeiro de 2011; período de pesquisa com o artista Pierre Huygue em julho de 2010.

[www.loictouze.com](http://www.loictouze.com)

## Próximo espetáculo

# E se tudo fosse amarelo?

de Sílvia Real

Teatro / Dança Sáb 12, dom 13 setembro  
Pequeno Auditório · 16h · Dur. 1h · M6

**Direção artística** Sílvia Real **Cocriação** Bruno Cochat **Direção musical** Sofia Sequeira **Cocriação musical** Rute Prates **Desenvolvimento de textos / filosofia com crianças** Rita Pedro **Assessoria pedagógica e dramaturgia** Bárbara Ramires **Desenho de luzes** Frank Laubenheimer **Reflexão e diálogo curatorial** Catarina Saraiva **Design gráfico** Carlos Bárto **Operação de Luzes** Carlos Ramos **Vídeo promocional** Bruno Canas **Gravação da banda sonora** Moz Carrapa **Interpretação e cocriação** Filomena Araújo, Helena Araújo, Jasmim Mandillo, Laura Sequeira, Miguel Fabião, Nuno Pelágio, Vicente Magalhães **Coprodução principal** Culturgest **Coprodução secundária** Festival Músicas do Mundo (Sines) **Produção** Real Pelágio **Produção executiva** Sílvia Real **Apoio administrativo** EIRA

Começámos com o conceito de conflito, andámos à volta de histórias com espartanos e gregos (a partir do livro *Uma pequena história do mundo*, de E.H. Gombrich). Brincámos à volta de algumas reivindicações que as crianças têm para com os seus pais e para com o mundo em geral. Depois evoluímos

© Bruno Cochat



para uma nova ideia – o erro. E se não quiséssemos sempre “apagar” os erros, mas sim, sublinhá-los e, a partir disso, construirmos juntos um espetáculo? (...) Este projeto nunca teve uma vertente única de formação artística para crianças. A minha intenção sempre foi, desde o início, realizar mais um espetáculo no meu percurso artístico, mas, desta vez, em cocriação com um grupo de crianças. (...) Este espetáculo é para mim muito ambicioso, um investimento pessoal e artístico desde há 4 anos. Tive o privilégio de fazer um trabalho contínuo com a maioria das crianças que estão ainda no grupo. Inicialmente trabalhei com uma turma do 1.º ciclo da Escola Voz do Operário (cerca de 2 anos), depois entraram mais algumas crianças durante o último ano. Neste momento o grupo está consolidado. São 7 crianças entre os 12 e 14 anos, cheias de talento e muito empenhadas.

Sílvia Real

Mais informações em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

**Conselho de Administração****Presidente**

Álvaro do Nascimento

**Administradores**

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

**Assessores****Dança**

Gil Mendo

**Teatro**

Francisco Frazão

**Arte Contemporânea**

Miguel Wandschneider

**Serviço Educativo**

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

**Direção de Produção**

Margarida Mota

**Produção e Secretariado**

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

**Produção**

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

**Comunicação**

Filipe Folhadela Moreira

**Publicações**

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

**Atividades Comerciais**

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

**Serviços Administrativos e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

**Direção de Cena e Luzes**

Horácio Fernandes

**Assistente de Direção Cenotécnica**

José Manuel Rodrigues

**Audiovisuais**

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

**Iluminação de Cena**

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

**Maquinaria de Cena**

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

**Frente de Casa**

Rute Sousa

**Bilheteira**

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

**Receção**

Sofia Fernandes

**Auxiliar Administrativo**

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral de Depósitos**

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt